

Identidade!

Boletim do Grupo de Negr@s da EST/IECLB
Vol. 02, n. 03, setembro-dezembro/2001

Apoio: Federação Luterana Mundial

Periodicidade: quadrimestral

Tiragem: 2.000 exemplares

Revisão: Ricardo Brasil Charão

(rcharao@terra.com.br)

Programação Visual: Jaqueline Oliveira

(jackieo@terra.com.br)

Responsáveis editoriais:

Peter Theodore Nash, Ph.D.

Ricardo Brasil Charão

Endereço para contato:

Boletim Identidade

Escola Superior de Teologia

caixa postal 14 - 93001-970

São Leopoldo - RS

E-mail: identidade@est.com.br

Sites: www.est.com.br

<http://planeta.terra.com.br/servicos/jackieo/identidade/>

Obs.: É de total responsabilidade dos autores os textos por eles escritos.



IECLB



www.est.com.br



Federação Luterana do Brasil

Mais um ano passou rapidamente. Esta deve ser o pensamento de praticamente tod@s nós. Mais um Natal está chegando. São tarefas, compromissos, o cotidiano que nos absorve totalmente. Em meio a tudo isso, fazemos chegar até suas mãos o último Boletim Identidade deste ano, ele corresponde aos meses de setembro a dezembro. Dois eixos básicos dão o norte desta edição. O primeiro, é o Dia de Consciência Negra, comemorado em 20 de novembro; o segundo, é o Natal, data máxima do povo cristão, a qual celebramos no 25 de dezembro. A proximidade destas datas levou-nos a preparar uma edição onde ambos temas são contemplados. Não de forma isolada, mas a partir de uma reflexão que integre a data máxima da comunidade negra brasileira com a principal data do calendário cristão. A humanidade, criada por Deus, tem várias faces: negra, branca, amarela, vermelha. Todas são a imagem e semelhança de Deus, o Criador. No Natal, celebramos o Deus que se faz carne e veio habitar entre seu(s) povo(s). Este Deus, feito humano em seu filho Jesus Cristo, tem todas as faces da humanidade. Que neste Natal, possamos refletir sobre a dimensão desta revelação e que, sendo tod@s imagem do Criador, abramos neste Natal as portas de nossos templos para que a humanidade em suas diferentes faces, possa entrar e celebrar em conjunto ao Deus da Vida. Que o 20 de novembro e o 25 de dezembro de tod@s nós, seja abençoado pelo Deus da Vida.

Ricardo Brasil Charão - resp. editorial

Notícias sobre nosso boletim Identidade

Como você perceberá, este número já possui 16 páginas. Esperamos dentro em breve chegar a 20 páginas e, quem sabe, passado mais algum tempo poder lhe oferecer um boletim ainda maior. A partir do próximo ano implantaremos o sistema de assinaturas, isto se deve ao fato de que o subsídio recebido da Federação Luterana Mundial está chegando ao fim. Assim, se você tiver interesse em fazer uma assinatura entre em contato conosco a fim de que possamos lhe passar as informações necessárias. Pode ser via carta, fax, e-mail ou pelo cadastro no site do boletim.

Accita-se permula :: Exchange is requested :: Wir bitten um Austausch :: Pídesse canje

Repensando a nossa história

BIBLIOTECA E.S.P.
2008672
São Leopoldo - RS

Ricardo Brasil Charão

Ato 1

Quando os primeiros alemães chegaram ao atual estado do Rio Grande do Sul no ano de 1824, o Brasil havia pouco tornara-se um país independente. Anteriormente, um outro grupo havia desembarcado no Rio de Janeiro. Dentre as estruturas herdadas do domínio português e mantidas após a independência, duas destacavam-se: a) a manutenção da escravidão, e; b) a manutenção do padroado régio, ou seja, de um sistema através do qual a Igreja encontrava-se sob a tutela do Estado. Assim permaneceu até 1889 quando foi proclamada a república e estabelecida, a partir daí, a separação entre Igreja e Estado. Dentre as 39 famílias de imigrantes que desembarcaram em São Leopoldo, em julho de 1824, 33 eram evangélicas. A partir daí, novas levas de imigrantes alemães foram chegando, até que em 1830 o governo imperial decidiu cortar de seu orçamento os subsídios destinados ao financiamento da imigração. Assim, o processo imigratório foi interrompido até 1845, quando ao final da Guerra dos Farrapos deu-se sua retomada, agora sob a responsabilidade das províncias. A grande maioria dos imigrantes chegados até então era evangélica. Estes imigrantes eram, portanto, trabalhadores livres e adeptos de uma religião apenas permitida, em um país cuja economia dependia do trabalho escravo e onde a religião oficial era o Catolicismo Romano. O tempo passou, novas levas de imigrantes chegaram e posteriormente duas igrejas luteranas estruturaram-se no Brasil. Assim, chegou ao Brasil o que se denomina de Protestantismo de Imigração. Este, tem sua origem neste povo evangélico que para cá migrou, fugindo da fome, do desemprego e da perseguição política na Alemanha.

Ato 2

Todo povo tem sua história. Todo povo necessita de uma história, esteja ela próxima da verdade ou não. Conhecer a história é saber dos atos de nossos antepassados. Desta forma, temos como entender a nós mesmos, ao modo como somos e agimos. Mas não só isto, ao conhecermos a história, podemos entender porque a sociedade, a Igreja, o mundo, mundo, encontram-se estruturados de uma forma e não de outra. Portanto, um povo que não tem história é um povo que não existe. Se não sabemos quem foram e como agiram nossos antepassados não temos raízes, ou seja, não temos história, somos apenas objetos da/na história de outros. A verdade, contudo, é que todos os povos tem cultura, tem história: índios, negros, italianos e alemães ... todos têm história. A



A visitação

questão que se coloca então é: como foi contada a história. A história de uns foi "esquecida" ou "denegrada". A de outros, foi "colocada sobre um pedestal", foi "maquiada", ou seja, tornou-se uma epopéia, o relato de algo heróico, fabuloso, grandioso. A existência desses dois pólos/modelos é algo que necessita ser superado. Como superar isto? Superamos isto ao reconhecer que não existe a História, como algo objetivo, absoluto, definitivo. O que existe, são representações, construções do passado. Estas construções não são a Verdade. Verdade aqui entendida como a descrição fiel e definitiva daquilo que aconteceu, em todos os seus detalhes. O que há, pode-se afirmar, são representações, construções mais próximas ou mais distantes daquilo que aconteceu. Para julgarmos de forma crítica e coerente estas versões do passado que recebemos, podemos utilizar diferentes fontes e métodos de pesquisa.

Ato 3

Que história nos foi contada sobre a escravidão no Brasil? Que história nos foi contada sobre a imigração alemã e os inícios do luteranismo no Brasil? Tem "estas duas histórias", alguma relação entre si? É para esta relação que se quer apontar neste pequeno texto. Sempre ouvimos que os imigrantes, também os evangélicos, não tinham escravos, visto que eram pequenos agricultores, sem recursos, agricultores limitando-se a desenvolver a policultura em âmbito familiar. Além disso, os imigrantes seriam representantes de uma cultura que valorizava o trabalho livre. Com sua chegada, iniciou-se um processo de revalorização do trabalho, tão desmoralizado pela mentalidade lusa escravista. A chegada dos imigrantes e do protestantismo foi signo de progresso. Sem dúvida foi. Houve diversificação da produção, aumento de seu volume, crescimento econômico e revalorização do trabalho, dependendo do ponto de vista que adotarmos. Entretanto, este crescimento

não se deu, imediatamente, sem uso de mão-de-obra escrava. Imigrantes e seus descendentes também possuíam escravos. É estranho ouvirmos isso. As histórias sobre negros nas colônias alemãs que estamos acostumados a ouvir, são aquelas do negro que para surpresa de viajantes fala alemão e se considera um do grupo. São anedotas, são "causos". Ao ouvi-las, nos limitamos àquilo que nos é contado. Não nos perguntamos como ele teria ido parar ali, como teria aprendido alemão, que função ocupava nesse grupo social. Apesar da legislação proibitiva, diversos imigrantes alemães, e dentre eles muitos evangélicos, possuíam e/ou traficaram escravos. Em caso de dúvida, basta consultarmos os livros de registro de nossas comunidades mais antigas. Nos livros de São Leopoldo, Hamburgo Velho, Estância Velha e outros, encontramos registros de batismos e, excepcionalmente casamento e sepultamento. Em Estância Velha, por exemplo, o pastor referia-se nos registros de batismo aos filhos de escravos como "Kind" (= criança) e nunca como "Tochter" (= filha) ou "Sohn" (= filho), como os filhos de pessoas livres. Em Hamburgo Velho, por sua vez, nos registros as crianças são apontadas como *filhos ou filhas de uma escrava de ...* Não há referência ao nome da mãe e sobre o pai não se encontra informação alguma. Os padrinhos via de regra eram os proprietários e as crianças recebiam o sobrenome destes. Havia, em alguns casos, alteração da grafia de certos sobrenomes. É o caso da família Difenthaeler, cujos escravos tinham seu sobrenome grafado Diefenthäler, a fim de distingui-los de seus proprietários. Se os imigrantes estavam proibidos de possuir escravos, os pastores também estavam proibidos de batizá-los, pois religião oficial era apenas o catolicismo romano. Teríamos, possivelmente, bem mais registros caso não houvesse limitações a esta prática. O que aponta para isto são os inúmeros registros de escravos pertencentes a evangélicos, os

dados dos censos populacionais, os testamentos, os inventários e outros documentos da época.

Que história nos foi contada sobre a escravidão no Brasil? Que história nos foi contada sobre a imigração alemã e os inícios do luteranismo no Brasil? Tem "estas duas histórias", alguma relação entre si? No mês de novembro comemoramos o Dia de

Consciência Negra. Que a comemoração deste dia e tudo que esta data evoca, nos ajude a responder estas perguntas, sem medo do passado, sem medo presente e, conseqüentemente, sem medo do futuro.

Ricardo Brasil Charão é mestrando em Teologia no IEPG São Leopoldo, RS, membro do Grupo de Estudantes Negr@s da EST e responsável editorial pelo Identidade!.

Notícias de outras terras

Peter F. Nash, Ph.D.

Gruß Gott!!!

Ein Herzlich Gruß aus Franken!

Estamos aqui na Europa há três meses. O trabalho está andando bem. Entre as horas longas nas bibliotecas, as palestras e cursos intensivos, estamos conseguindo conhecer alguns lugares interessantes. Cheguei na Noruega dia 10 de setembro. Apresentei meu trabalho num curso intensivo com dois professores noruegueses e alunos de mestrado da África do Sul, Estônia, Inglaterra, Etiópia e Tanzânia. Foi super bacana e confirmou algumas idéias minhas sobre cultura, o que antes me deixava tímido. Agora, com estas confirmações, não sou mais tímido nestes pontos. Jette, também lecionou na sua

Alma Mater tentando, mais uma vez, auxiliar os teólogos a entender o que é teologia da libertação.

E logo fiquei sabendo sobre a destruição na minha terra natal. Felizmente para nós, tod@s que conhecemos estão bem.

Para tod@s da IELCB e da EST, grandes abraços de Professor Erhard Gerstenberger e da Rita, assim como do Professor Erich Dobberahn e da Ellen. Lecionei e palestrei, no início de novembro na Phillipsuniversität - Marburg e Hermannsburg no Missionsseminar. Partilhamos boa companhia nas casas dos ex-leopoldenses. A viagem à Suíça não deu certo, mas uma surpresa feliz em seu lugar se apresentou. Lecionei em Lund na Suécia e no dia 4 de dezembro vou apresentar a



pesquisa em andamento no Hauptseminar dos pós-graduandos na Universidade de Erlangen.

Até agora todo mundo está gostando do que estamos dizendo! Todas as críticas, perguntas e sugestões, tanto d@s african@s quanto d@s europeus, são pequenos detalhes que podem refinar e melhorar o argumento inteiro.

O projeto é bem maior do que entendi inicialmente. Uma novidade que estou trabalhando atualmente é a questão do racismo dentro dos comentários bíblicos. Já notei isso faz tempo. Mas nesta pesquisa está ficando cada vez mais perceptível que vários dos gigantes da pesquisa profissional do AT injetaram um preconceito contra negr@s nas suas observações. Cito um exemplo. Na interpretação do relato da morte de Absalão, o filho rebelde de Davi, em 2Samuel 18, vários intérpretes chaves do século passado impõem o racismo de suas épocas em cima do texto. Quase todos pressupõem que o Cuchita, que entregou as notícias para o rei Davi, era um escravo¹. O texto bíblico não deu nenhuma indicação que ele foi um escravo. A escravidão no Israel antigo não teve nada a ver com cor da pele, mas com conquista. Em lugar algum temos que esta pessoa foi considerada subalterna dos outros no exército de Davi, sob o comando de Joab. Um outro fato. Nas narrativas de Jeremias, existe um Ebed-Melek (Servo do Rei) que é um Cuchita, mas

até este nome não necessariamente indica que ele foi um servo. Pode ser também que ele tenha sido um servo do Rei, mas um servo em outro nível. Já foi colocado que ele foi um membro do gabinete do Rei.

Então porque os autores quiseram dizer que ele foi um escravo? Eu acho que é porque eles não tinham como imaginar um mundo onde uma pessoa negra não fosse desprezada. Estou cada vez mais convicto que é mais um exemplo da dificuldade em se imaginar um mundo sem preconceito, quando uma pessoa cresceu num mundo que pressuponha racismo como a norma que faz parte da mundo ordenado pelo Deus.

Nota

1 Veja Paul Dhorme, *Les Livres de Samuel*. Paris : Librairie Victor Lecoffre, 1910; Fritz Stolz, *Das Erste und Zweite Buch Samuel*. Zürich : Theologische Verlag, 1981 (Zürcher Bibelkommentare); Karl Gutbrod, *Das Buch Vom Reich: Das Zweite Buch Samuel*. Stuttgart : Carlwer Verlag, 1958; e Hans W. Hertzberg, *Alt Testament Deutsche: Samuelbücher*, 1965.

Peter T. Nash é professor de Antigo Testamento e Hermenêutica Negra na Faculdade de Teologia e Instituto de Pós-Graduação, da Escola Superior de Teologia. Também é o coordenador do projeto Negritude na Bíblia e na Igreja desenvolvido nesta mesma Instituição. Atualmente Peter encontra-se em semestre sabático na Alemanha.

Porque criar lugares para as pessoas negras na IECLB?

José Mincar Lhulier

“Dispondo-se ele, tomou de noite o menino e sua mãe e partiu para o Egito; e lá ficou até a morte de Herodes, para que se cumprisse o que fora dito pelo Senhor, por intermédio do profeta: Do Egito chamei o meu filho.” (Mateus 2.14 e 15)

Também do Egito, saiu o povo de Israel, atravessando o Mar Vermelho, conduzido por Moisés, fugindo da opressão

do Faraó. E a passagem bíblica acima nos mostra a ação de José, que avisado por um anjo saiu da Judéia, com Maria e o menino Jesus, para o Egito fugindo da matança de bebês ordenada por Herodes.

O povo de Deus têm uma grande ligação com esta terra chamada Egito que fica no nordeste da "África". No tempo de Jesus havia na Palestina (região onde ele

atuou) um grande movimento de pessoas que viajavam do Egito (da África) para a Síria (no Oriente Médio). O que significa que no tempo de Jesus havia naquela região um grande número de pessoas de "pele morena" transitando e também vivendo por lá. Segundo o evangelho de Mateus, como lemos acima, Jesus passou os primeiros momentos de sua vida no Egito (na África), de modo que também conviveu com essa gente de "origem negra".

Tais detalhes da Bíblia que, às vezes, não percebemos são muito importantes para nós principalmente quando o tema de nossa Igreja é "Aqui você tem lugar".

Para algumas pessoas, ainda é um pouco estranho observar em nossas comunidades pessoas "negras". O tema para o biênio 97/98 nos desafiou a criarmos "lugares" em nossas comunidades também para estas pessoas, que são diferentes das de origem alemã que predominam em nossa Igreja, para que assim sejamos cada vez mais Igreja Evangélica Luterana NO BRASIL.

Temos um grande exemplo, de que para Deus não existem fronteiras de raça ou cor, quando olhamos para o povo de Israel que saiu do Egito formado, em grande parte, de pessoas morenas. E, também, para o exemplo de Jesus que entre pessoas dessa origem passou o início de sua infância e que vivendo, a maior parte de sua vida na Palestina, entre elas e "com" elas viveu.

O cartaz do tema atual da IECLB, mostra pessoas de várias origens, classes sociais e de realidades diferentes. Entre estas pessoas estão "os negros" ou "brasileiros", como são chamados no interior. Pessoas que também querem participar desta nossa Igreja, nos cultos, nos estudos bíblicos, no grupo de juventude, e nas demais programações de nossas comunidades, não só como pessoas que assistem, mas sim, como "membros atuantes", algo que muitas vezes, é difícil porque "ainda" são vistos com preconceito.

Jesus, em sua pregação, nos chama a amar nosso próximo, sem fazer "distinções", e seguindo o exemplo Dele, que foi criado e viveu entre pessoas de "pele morena" poderemos ser, cada vez mais, pessoas e comunidades que são "sal e luz" para TODAS as pessoas!

Questões para reflexão e discussão em seu grupo:

- Qual o posicionamento de sua comunidade em relação as pessoas negras?
- A sua comunidade tem acolhido as pessoas negras que dela querem participar? Como tem feito isso?
- O que pode ser feito para aproximar estas pessoas de sua comunidade?
- Porque chamar o negro de "moreno"?

José Alencar Lhulier é estudante de Teologia na Faculdade de Teologia da EST e membro do Grupo de Estudantes Negr@s desta Instituição.



Onde todos têm lugar

Womanista: uma teologia que busca a libertação de mulheres negras

Marli Wandermurem e Maria Cristina Ventura

Introdução

A teologia womanista surgiu com as mulheres Afro-Americanas nos Estados Unidos. A palavra que deu título a esta teologia foi criada pela poetisa e romancista Alice Walker¹. A autora a usou para descrever a

mulher womanista como pessoa comprometida com a sobrevivência de todo um povo, o que inclui tanto o feminino como o masculino. Esta palavra também vem do tradicional uso que o povo Afro-Americano faz do termo "womanish" que significa atuar adulto, responsável e em ordem. É a partir deste conceito que a womanista Jacqueline Grant descreve uma pessoa womanista, isto é, "uma mulher negra que fala por ela mesma". Pode-se notar que fala é um aspecto essencial da teologia womanista.

Enquanto teologia, além ter relações com as teologias negra e feminista branca, as teólogas womanistas criticam os elementos sexistas na teologia negra da libertação e elementos racistas no feminismo branco. Jacqueline Grant, por exemplo, observa a ausência das experiências de mulheres negras na teologia negra da libertação. Também, Delores Williams critica o racismo no feminismo branco. Mesmo assim, enfatizam que o movimento womanista não é separatista, exceto quando a vida das mulheres negras está em perigo. Portanto, esta teologia dialoga tanto com homens quanto com mulheres que abrigam diversas perspectivas e estejam aliados/as com diferentes pensamentos de escolas teológicas.

A aventura teológica womanista, assim como a feminista, não fica sem oposição tanto da igreja quanto da sociedade. No entanto, a consciência womanista está se desenvolvendo em círculos teológicos, em organizações

membros e entre mulheres negras de igreja. As womanistas trabalham as questões relacionadas com as mulheres num contexto coletivo e comunitário, incluindo os homens negros e também as crianças.

1. O eixo bíblico e teológico womanista

A teologia womanista iniciou-se e se desenvolveu nas escolas femininas negras que ensinam teologia, estudos de textos bíblicos, ética, sociologia da religião e ministério em seminários, colégios e departamentos religiosos universitários. O objetivo dessas escolas tem sido trazer as experiências das mulheres negras para dentro dos círculos de interpretações teológicas cristãs de onde ela foi excluída.

Dentro do discurso teológico, a Cristologia é um espaço amplo onde se pode transitar abertamente vários elementos. É assim que Jacqueline Grant sugere a inclusão das mulheres negras na imagem de Deus porque identifica Cristo como uma mulher negra. Kelly Brown afirma que o rosto de Cristo tem sua definição a partir da luta na libertação das mulheres negras.

Em relação aos estudos bíblicos as escolas womanistas usam estratégias metodológicas para traduzir a partir do ponto de vista de suas disciplinas dentro da linguagem sócio-cultural das mulheres negras. Renita Weems, por exemplo, emprega estratégias históricas narrativas para interpretar textos bíblicos. Aparentemente sua primeira intenção é falar, em primeiro plano, para uma comunidade de audiência constituída de mulheres negras e, depois, à academia. Clarice Martin, uma especialista no Novo Testamento, também toma a audiência da igreja de mulheres e Delores S. Williams propõe uma relação protótipo entre a experiência histórica das mulheres afro-

americanas e a figura da Agar, no Antigo Testamento, a quem, a comunidade já apropriou a mais de cem anos. Portanto, as escolas bíblicas womanistas estabelecem responsabilidades com as igrejas afro-americanas.

2. A teologia Womanista mediante a ética cristã

No campo da ética a teologia womanista focaliza muitas questões. Em seu trabalho, Márcia Y. Riggs considera a luta das mulheres negras com respeito ao caráter interestruturado de racismo, sexismo e classismo. Já Katie G. Cannon e Jacqueline Carr-Hamilton visibilizam a ação moral e histórica das mulheres negras na luta pela libertação e Emilie Townes faz um exame dentro da espiritualidade womanista como testemunha social.

Também, através da teologia e da ética womanista a comunidade cristã vem descobrindo a importância teológica da atividade libertadora de algumas líderes afro-americanas do século 19. Essas mulheres foram vitais no desenvolvimento do movimento dos direitos civis negros nos Estados Unidos. Os trabalhos da teóloga Karen Baker-Fletcher, sobre a ativista intelectual Anna Julia Cooper, e o da eticista Emilie Townes, sobre Ida B. Wells contribuíram para este descobrimento.

3. O compromisso com a pluralidade e a diversidade

A teologia womanista possibilita um espaço inclusivo. Desta forma, o pensamento womanista afirma que a teologia feminista está comprometida com a pluralidade e diversidade, pela importância da inclusão de muitas vozes e muitas perspectivas. Portanto é uma teologia que tem a tarefa de ser autocrítica sobre as questões de classe e de raça. Assim, não há

simplesmente experiência universal de mulheres, mas uma diversidade entre mulheres. O que significa que em diferentes contextos geográficos, na qual existem várias estruturas econômicas, políticas e sociais e diversidades de tradições históricas e étnicas, o movimento de mulheres, através do globo, está desenvolvendo seu próprio entendimento feminista. Por isso, não se trata só de um pluralismo dentro da teologia feminista ocidental, mas um pluralismo que é global.

Dentro dessa análise, pode-se afirmar que também a teologia womanista, como as outras teologias cristãs, surge em prol de uma comunidade, que neste caso é a comunidade afro-americana. Ao falar de comunidade nota-se que a teologia womanista busca não só pelas experiências sociais e religiosas das mulheres nas comunidades afro-americanas, mas toda a comunidade de fé e suas crenças.

Em relação ao pecado, a teologia womanista afirma que a maneira como a sociedade degrada a feminidade negra é pecado. Defende que a feminidade das



Mulher negra



mulheres negras é sua humanidade e degradar esta feminidade significa degradar sua humanidade. Portanto, uma noção womanista de pecado afirma que a violência dos corpos das mulheres negras e a agressão resultante sobre seu espírito e sua própria estima constituem o pecado social mais grave.

Portanto, ser womanista é ter uma forte crítica contra a opressão, é também ter confiança na liberdade humana a partir da reflexão sobre o ser mulher e negra. Enfim,

ser womanista é estar conectada com a história de luta e resistência das mulheres negras em busca da sua libertação.

Bibliografia

- TOWNES, Emilie M. (editor) *A Troubling in My Soul Womanist Perspectives on Evil & Suffering*, New York, Orbis Books, 1996.
- McGRATH, Alister E., (editor), *The Blackwell Encyclopedia of Modern Christian Thought*, Massachusetts, Blackwell Publishers, 1993.
- SCHUSSLER FIORENZA, Elisabeth, *Sharing Her Word Feminist Biblical Interpretation*, in: Context, Boston, Beacon Press, 1998.

Nota

1 Ver: Alice Walker. "In Search of Our Mother's Gardens: Womanist Prose" ("na busca do jardim de nossa mãe: prosa womanista"), 1983.

Marli Wandermurem é doutoranda em Ciências da Religião na Área de Literatura Bíblica no IEPG São Bernardo do Campo, São Paulo
Maria Cristina Ventura é doutoranda em Ciências da Religião na Área de Literatura Bíblica no IEPG São Bernardo do Campo, São Paulo

Nascimento de Jesus e Negritude

Adriano Otto

O mês de dezembro está se aproximando e com ele uma das festas mais importantes do ano eclesiástico: O nascimento de Jesus. O tempo é de alegria e fraternidade. Nesse ambiente alegre e descontraído, os presentes fazem parte desta festa. Pensar no presente de Deus à toda humanidade, Jesus Cristo, leva-nos a refletir sobre as condições de seu nascimento e a sua origem. Começando pela sua origem, Jesus foi judeu. Este povo foi se

constituindo ao longo da História. Partimos do Egito para apresentar alguns fatos que levam a crer que este povo é fruto de uma miscigenação. Várias tribos se uniram em torno da fé em Javé por causa da opressão que estavam sofrendo dos egípcios, pois procuravam alívio para o jugo. É bem possível que as diversas pessoas que se uniram em torno da fé em Javé, fossem criadores de gado, pequenos charqueiros,

pescadores, prisioneiros de guerra e imigrantes de Canaã.

Os israelitas tiveram uma relação muito próxima com os egípcios. Temos a história de Abraão se refugiando no Egito por causa da fome: José é bem querido pelo Faraó e casa-se com uma egípcia. Os irmãos de José se refugiam no Egito e o próprio Jesus é levado para esta cidade em busca de segurança. Moisés é outra personagem que faz parte dessa história. Em Ex. 2.16, as filhas de Reuel o identificam como um egípcio. Estes são alguns exemplos que encontramos na Bíblia. Mas quem eram/são os egípcios? Eles são originários do norte da África e se instalaram ao longo do Nilo, onde foram divididos em pequenos Estados independentes que paulatinamente foram unificados em dois territórios, o Baixo e o Alto Egito. Durante as monarquias Novas e Médias, o Egito fazia fronteiras com a Núbia ou Cuch, como os egípcios os denominavam por causa da pele escura. Ah! Repare na sua Bíblia que na criação do cosmo, a terra de Cuch faz parte da criação de Deus. A passagem é Gn 2.13. Os Cuchitas são negros, assim como o Egito o era. Então, o povo santo teve contato com negros/africanos e até se casaram com eles. Moisés é apenas um exemplo desse tipo de relacionamento. Ou seja, casamento com mulheres estrangeiras. Essas mulheres estrangeiras, pelo menos algumas delas, tiveram lugar privilegiado nesta história do nascimento de Jesus. Na genealogia dele aparecem quatro mulheres que são estrangeiras. São elas: Tamar, Raabe, Rute e a esposa de Urias - Bate-Seba. Fato é que a cultura egípcia e cuchita - esta talvez em menor grau, embora existam doze Salmos composto por pessoas negras/cuchitas - influenciaram a vida política, social e econômica do povo santo.

Quanto à costa do Mediterrâneo, os povos que ali viviam, formavam uma unidade. Esta unidade deu-se através de instituições, costumes, práticas de povos

que travaram contato ao longo de toda a costa do Mediterrâneo. Estes povos conquistaram, colonizaram e converteram; fizeram comércio, estabeleceram administrações em comum e casaram-se entre si - os contratos travados eram perpétuos e não podem ser ignorados. Assim, pode-se dizer que houve uma diversidade que formava uma unidade na sociedade Mediterrânea. Essa unidade é formada por constante interação. Por isso, fica difícil de imaginar um povo judeu de puro sangue. Tampouco pode-se ignorar a unidade de parentesco existente entre eles. Houve uma tendência, por menor que fosse, de manter este grau familiar. A personagem Bíblica mais apreciada e objeto de variações diversas na tentativa de expressar, através da pintura ou escultura a sua imagem, é, sem dúvida, Jesus Cristo. As imagens mais antigas de Jesus encontram-se nas catacumbas dos séculos III e IV, podendo-se encontrá-las também em lugares cúlticos do mesmo período. A imagem de Cristo suscitou discussões e estas foram fomentadas com afino nos Concílios de Hiera e Nicéia, por exemplo. Nos séculos VIII e IX, os iconoclastas travaram uma luta para poder representar a imagem de Cristo através de pintura, mosaico, escultura. Toda essa luta se deu por causa da imagem de Cristo. Adentrou-se na iconografia, pois a imagem de Cristo ganha traços firmes e fortes através de escultores pagãos. Estes deram à fisionomia de Jesus traços dos deuses pagãos, em especial os de Orfeu. Estas representações pareciam-se mais com os deuses gregos do que com o homem que vivera sob o sol escaldante do Oriente Antigo, filho de uma judia. Com a arte bizantina, havia duas imagens de Cristo: a helenístico-romana, baseada em Orfeu; e a étnica, baseada no fato histórico de Jesus ter nascido na Judéia.

Através da iconografia, Jesus é apresentado com os seguintes traços: nariz alongado e fino, boca pequena, cabelos

cumpridos, olhos azuis, barba ruiva com tonalidades escuras, sobrancelhas pretas. Aqui cabe uma pergunta referente ao nascimento de Jesus: Como a "sagrada família" poderia se esconder no Egito, sendo loira, enquanto os egípcios eram africanos? Vagando por esta pergunta, tendo no imaginário não só o Egito, mas também o possível rosto de um judeu do primeiro século, lançado pela Emissora BBC de Londres, Sérgio Jockymann comenta: Os anti-semitas não vão gostar do novo rosto de Jesus, porque ele se parece mais com os habitantes se Israel do que com os ditos filhos de Deus. Embora ninguém tenha visto o Pai, cada raça idealizou o Filho de acordo com seus próprios ideais. Foi justamente o que aconteceu na época das Cruzadas, onde o Cristo era representado de forma bela, forte, branco e invencível em contraste com o povo do "corredor do Mediterrâneo", onde parte das Histórias Bíblicas sucederam. Tanto na arte bizantina como na renascentista, Cristo é representado com uma beleza inconfundível e incomparável a todos os demais homens. Maria, sua mãe, é tão bela quanto Ele. Isto nos faz lembrar dos mitos gregos onde os deuses são seres de uma beleza rara e as mulheres, as esposas terrestres, são de uma formosura incomparável. Contudo, Jesus foi um homem do seu tempo e espaço. Viveu numa região onde o sol é forte e tem desertos inóspitos. Ele não foi nenhum ser que viveu atemporal aos demais de sua época.

Até aqui algumas conclusões para desmistificar que Jesus foi um louro de cabelos compridos, de olhos azuis e branco. Contudo, não foi nenhum africano, negro. Acredito que ele foi um homem do seu tempo e teve a pele escura. Isto devido às suas origens e o fato de viver em determinado lugar onde o sol é quente e tem desertos inóspitos. Tentou-se remontar um pouco da época anterior a Jesus, buscando um imaginário do primitivo Israel,

observando a origem do povo egípcio e a formação do povo santo, sem ignorar a sua localização e sua união em torno da fé em Javé. Pode-se perceber que o povo santo é uma constituição heterogênea, mas também com forte laço epônimo. Na genealogia de Jesus, além da perspectiva teológica das estrangeiras, não se pode descartar o fato de que os povos do Mediterrâneo exerciam contatos com diversos povos, inclusive com os asiáticos. Isto leva a crer que não somente a cultura casfreu alteração, mas também houve casamentos mistos. Anterior a Jesus, tem-se a reforma de Esdras com a qual se procurou repudiar e mandar embora as mulheres estrangeiras. É impossível imaginar que esta reforma teve êxito e que nunca mais houve tais fatos dentro do povo santo.

Quanto ao nascimento Jesus, os evangelhos fornecem poucas informações sobre a sua infância. Na fase de sua infância, os textos concentram-se, em especial, em seu nascimento. Mateus e Lucas são os únicos que mencionam, especificamente, a história do nascimento de Jesus (Mt 1.18-25 e Lc 2.1-7). A narrativa de Lucas é mais dinâmica e pormenorizada, apresentando mais detalhes do que Mateus. O texto Bíblico não diz que o casal chegou a Belém com Maria prestes a dar à luz. O texto diz que estando ali, completaram-se os dias para o parto (Lc.2.6). "Estando ali" deixa margem à interpretação de que o casal poderia estar há algum tempo em Belém. Mateus e Lucas, ao apresentar o nascimento de Jesus, ressaltam a humildade e o menosprezo desse nascimento. Apresentam um Jesus que nasceu em meio à miséria, desespero e aflições, na marginalidade. Se está diante de um nascimento onde a criança é deitada num cocho de animal e enfaixada por um pano como de costume, mostrando que a criança que nasceu não é um ser celestial, mas uma ser humano. É nesta criança que Deus se manifesta na forma de Emanuel,

através do Espírito Santo. Toda criança é um mistério. Na sua fragilidade visceral ela aponta para o amanhã. A criança que se mexe no berço [cocho] diz a tod@s que ela espera poder percorrer caminhos novos que tragam aos seres humanos mais felicidade e ventura. Esta criança trará uma boa-nova a todas as pessoas que vivem na marginalidade, na miséria, na falta de esperança e perspectiva de vida. Trará vida em abundância a tod@s que a acolherem em seu coração. Esta criança se colocará ao lado d@s oprimid@s, aos que vivem a exclusão da sociedade, aos que são vítimas de preconceitos e segregação racial.

Pensar o nascimento de Jesus numa perspectiva da negritude não é afirmar que Jesus é negro e ponto final. Mas, a partir de seu humilde e miserável nascimento, perceber que este Deus vem ao encontro dos excluídos e desamparados. Vem ao encontro dos marginalizados e torturados pelo sistema secular. Ao falar em negritude, não está se pensando numa inversão de valores dentro da teologia. Porém, não se pode ignorar o fato de que Jesus viveu num determinado lugar onde o sol é forte e tem desertos insólitos. É sabido que, quanto mais quente for o clima, mais escura será a tez. A teologia com a qual se está trabalhando, é uma teologia a partir do negro e do contexto brasileiro. Não se tem o intuito de reverter os valores clássicos já existentes, oriundos da Europa. Eles ajudam e muito no discurso teológico para perceber o grandioso e esplêndido amor de Deus para conosco. A dificuldade e a resistência a essa teologia é quando ela se advoga como uma e invariável, e, sobretudo, quando ela não se contextualiza e nem abre espaço para o novo e diferente.

Uma teologia a partir da pessoa negra tenta *relacionar a análise cultural e religiosa àquelas das estruturas de poder vigente na nossa sociedade*. São palavras do Padre Alfredo Souza Dorea. Por isso, a pessoa negra não precisa assumir uma

identificação com alguma luta, pois a sua pele já constitui uma luta por libertação. Libertação não só dos grillhões que a prendem como escrava. Mas, também de uma teologia, baseada na própria Bíblia, que a faz se sentir branca na alma e endemoniza tudo que é autóctone: sua cultura, seu culto. Assim, a teologia negra emerge da experiência sócio-religiosa apontando para uma relação com o sagrado e o Divino. Uma identificação com o menino que nasceu em Belém, e que foi um judeu de seu tempo, conforme o rosto lançado pela BBC, quanto à sua humilde pobreza, resgata não só a auto-estima da pessoa negra, mas também perspectivas e ânimo para viver e se relacionar com o sagrado e Divino. Desta forma, o seu aparato



simbólico-religioso estará presente no dia-a-dia, como também a figura daquele que morreu por amor e para nossa salvação será o centro. Assim, *Cultus* e *Cultura*¹ estariam juntos numa profunda dialética a caminho de uma libertação e vivência inter-étnica. Este aparato simbólico-religioso aponta não só para o passado, mas também para o presente e futuro. O presente tem o menino que nasceu e foi enrolado em faixas e deitado num cocho, desamparado pelos seus compatriotas, mas amparado pela sua mãe, seu pai e por pessoas que compunham a classe mais baixa da sociedade da época: pastores, magos e por que não falar também dos animais que são criaturas de Deus? Esta pobre e desprezada criança estava e ainda está presente na memória das pessoas negras.

O Deus do imaginário negro é um Ser supremo, criador de tudo, do céu e da terra, é o inacessível (Olorum), aquele que diz e faz (Nzambi), aquele que reúne (Kalunga). Este Deus com diversos nomes genéricos dentro da cultura afro não é diferente do Deus dos cristãos. Uma leitura pormenorizada da Bíblia encontra as mesmas designações para o Deus de Israel e o Emanuel que armou a sua tenda entre nós. Percebe-se, a exemplo da fé cristã, que a pessoa negra compreendia que este cosmos foi feito a partir de um mandato divino e, como tal, ela faz parte desse imenso corpo que tem vários membros. Assim, as leituras do Antigo Testamento, por exemplo, serão bem familiares. Por isso pensar na negritude a partir do nascimento de Jesus envolve questões não só teológicas, mas também uma identificação com o ser negro/negritude. A negritude é a um só tempo um movimento histórico, emancipativo, social, artístico e cultural, e por que não dizer, também religioso. O seu grande objetivo é a recuperação da identidade negra. O negro se dá conta de que a sua salvação não está na busca da assimilação do branco, mas sim na

retomada de si, isto é, na sua afirmação cultural, moral, física e intelectual, na crença de que ele é sujeito de uma história e de uma civilização que lhe foram negadas e que precisa recuperar.

Dedico este artigo aos professores Peter Nash e Remí Klein e aos amigos Adilson e Anete.

Nota

1 *Cultus*: o que foi trabalhado sobre a terra: cultivado, como também pode ser o que se trabalha sob a terra; culto; enterro dos mortos: ritual feito em honra dos antepassados. Quanto à *Cultura*: pode-se dizer o seguinte; "é o conjunto das práticas, das técnicas, dos símbolos e dos deveres que se transmitem às novas gerações para garantir a reprodução de um estado de coexistência social." Cf. Alfredo BOSI. **Dialética da Colonização**. P.11-16.

Adriano Otto é estudante de teologia na Faculdade de Teologia da EST, São Leopoldo e membro do Grupo de Negr@os desta Instituição



Símbolo utilizado para o Culto da Semana da Consciência Negra. "Celebrando a memória de Palmares". Culto realizado no dia 21 de novembro de 2001

Você sabia?

20 DE NOVEMBRO, DIA DA CONSCIÊNCIA NEGRA

Nosso calendário está repleto de datas comemorativas. A cada mês, comemoram-se uma série de datas através das quais se procura homenagear e/ou lembrar eventos, pessoas e grupos sociais e/ou profissionais. O mês de novembro não foge à regra. Dentre as tantas datas, no dia 2 lembramos dos Finados, no dia 15 a Proclamação da República e no dia 20 o Dia da Consciência Negra.

Entre os séculos XVI e XIX, através do tráfico de escravos, mais de 9 milhões de africanos foram arrancados à força de seu continente e trazidos para as Américas. Deste total, cerca de 40% dos africanos escravizados foram trazidos para o Brasil, ou seja, quase 4 milhões de pessoas. E o Brasil foi o último país das Américas a abolir a escravidão. Estes números dão uma idéia do genocídio que a escravidão representou para os negros no Brasil. Hoje, o Brasil com a maior população negra fora do continente africano, algo em torno de 44% de nossa população.

Em 13 de maio de 1888, através da Lei Áurea, assinada pela Princesa Isabel, abolia-se a escravidão no Brasil. Por que, então, o Dia da Consciência Negra não é comemorado em 13 de maio? O fato do 13 de maio não ser lembrado como data comemorativa maior da comunidade negra brasileira já é um indício do quanto a abolição formal da escravidão foi/é algo controverso. Os reflexos desta abolição são sentidos ainda hoje pela população negra brasileira que foi, a partir daquele momento, abandonada à sua própria sorte. Por que, então, o 20 de novembro é o Dia da Consciência Negra? Porque nesse dia lembra-se a morte de Zumbi dos Palmares, líder do maior e mais duradouro quilombo brasileiro. Com isso, a comunidade de palmares passa a representar aquilo que a Lei Áurea nunca significou para os negr@s

brasileir@s: justiça e esperança.

A partir de quando o 20 de novembro é lembrado como Dia da Consciência Negra? Isto não se deu por acaso e nem de uma hora para outra. No início dos anos 70, como parte do movimento negro no Rio Grande do Sul, surgia o Grupo Palmares, em Porto Alegre. Foi a partir desse grupo, liderado pelo poeta Oliveira Silveira, que surgiu a idéia de se celebrar no dia da morte de Zumbi dos Palmares, o Dia da Consciência Negra. De lá para cá, passaram-se 30 anos e a data ganhou legitimidade junto à comunidade negra brasileira.

E o 20 de novembro é uma a ser comemorada por quem? Apenas pela comunidade negra? O Dia da Consciência negra quer ser uma data na qual se reflete sobre a história e atualidade da população negra brasileira. Sabemos hoje que o Brasil



2008672

está longe da tão falada "cordial democracia racial". O Brasil é um país racista. Nós somos racistas. Sabemos também que hoje a população negra brasileira tem índices de qualidade de vida muito inferiores ao da população branca. Isto é, no Brasil, ser negro é sinônimo de ser pobre. Portanto, se você é uma pessoa preocupada com o bem-

estar do seu próximo, com a construção de uma sociedade justa, igualitária e sem preconceito, o dia 20 de novembro também é sua data. Aquel@s que amam a paz, a justiça e a liberdade celebram juntos o 8 de março, o 19 de abril, o 20 de novembro ...

Ricardo Brasil Charão - resp. editorial

É Natal - uma canção para celebrar!

NATAL BRASILEIRO

I

Hoje é Natal no país do café,
Há regozijo e festejo no lar;
Com outros povos cristãos e de fé
Mais um Natal vamos nós
celebrar!

II

Sem azevinho, sem hera em festão,
Sem campanários nevados de frio,
Mas com palmeiras, com sol de
verão
Nosso Natal tem seu próprio feitio.

III

A mesma história do Infante Jesus
Temos contado mil vezes também.
Horas de encanto, de paz e de luz
Traz o Natal da criança em Belém.



Maria e o menino Jesus